

REFLEXÕES SOBRE VISÕES DE MUNDO E PERSPECTIVAS PARA O FUTURO: O DESAFIO DE SER JOVEM EM ALAGOAS

Resultado de investigação finalizada

GT22: Sociologia da infância e juventude

Rodolfo José Oliveira Lima*

Antonio Barbosa Lúcio**

Universidade Estadual de Alagoas-UNEAL/Alagoas, Brasil

Resumo:

O artigo propõe identificar, comparar e analisar visões de mundo e perspectivas de futuro de jovens de comunidades rurais e urbanas. Especificamente, realiza-se um estudo sobre os fatores impeditivos e contrários a realização das aspirações de jovens do Estado de Alagoas/Brasil que apresenta os piores índices sociais do país. O estudo foi realizado em duas escolas rurais de Arapiraca/AL com 35 jovens e, em três escolas na sede do mesmo município, através de dados coletados por um *survey* aplicado com 60 jovens do último ano do Ensino Médio. Demonstra-se como resultados, que a maioria dos jovens estudados, planeja o futuro, sonha em cursar um ensino superior e acredita que o governo é que não dá condições efetivas para isso.

Palavras-chaves: Perspectivas de futuro. Visões de mundo. Jovens de Alagoas.

1.1. Introdução

A proposta deste artigo surgiu através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES/BRASIL), voltado para antecipar o contato de futuros docentes com o ambiente escolar, através das observações das aulas específicas de cada curso (nesse caso, as de história) nas escolas parceiras, de forma a contribuir na construção de suas metodologias de ensino. Além desse caráter de observação, também é proposto a realização de diagnóstico socioeconômico da escola e da comunidade onde a mesma fica localizada.

O estudo foi realizado com, no total, 35 alunos em duas escolas municipais da zona rural de Arapiraca/Alagoas, segunda maior cidade do Estado com 215 mil habitantes, distante cerca de 137 km da capital Maceió; e com dados coletados através de um *survey*, aplicado com 60 alunos de uma escola estadual, uma particular e em um instituto federal de ensino, também em Arapiraca com alunos do último ano do Ensino Médio.

Num primeiro momento, será abordada a perspectiva de futuro e as visões de mundo dos alunos das duas escolas municipais da rede pública, através de dados obtidos por meio de entrevistas, questionários e diários de campo. Num segundo momento, far-se-á através de dados coletados pelo *survey* a mesma análise, mas com alunos dos anos finais do Ensino Médio. Deste modo, o artigo propõe identificar, comparar e analisar as visões de mundo e perspectivas de futuro desses jovens que

*Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL); bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES/BRASIL). <rjoliveira.lima@yahoo.com.br>.

**Professor orientador mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); bolsista coordenador de área do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES/BRASIL). <ablucio1@yahoo.com.br>.

possuem idades entre 12 e 22 anos e são de ambos os sexos, residentes em comunidades rurais e urbanas.

As entrevistas e o *survey* são compostos de por questões que abrangem pontos da vida pessoal e familiar dos entrevistados, renda, projeções de futuro, influências externas e também questões voltadas ao posicionamento crítico perante a sociedade em que vivem. Os dados foram trabalhados com a contribuição de referenciais teóricos que abrangem o contexto social (marxismo e a teoria disposicionalista) e particular (teorias da motivação humana) dos entrevistados.

Nas conclusões preliminares, demonstramos que a maioria dos jovens, apesar dos problemas sociais vividos, sonha com um futuro melhor, em cursar uma faculdade, o Poder Público que não oferece condições concretas para eles atingirem seus objetivos, fazendo com que alguns até “optem” por se mudarem para outros estados. Também se evidencia que este mesmo Poder Público, agente mantenedor do sistema capitalista, está sucateando um dos principais meios de acesso ao conhecimento, a escola, desconstruindo-a criticamente com a intenção de torná-la apenas formadora de mão de obra para o capital.

2.1. Alagoas: desenvolvimento desigual e combinado

Alagoas é um dos 09 Estados da região Nordeste do país, sendo o segundo menor Estado brasileiro, possui uma população de 3.120.494 habitantes dos quais 21,5% são jovens entre 14 e 24 anos (IBGE, 2010a). Alagoas é a 7ª economia do Nordeste (20ª do Brasil), mas apresenta a pior distribuição de renda do país com 59,54% da população em estado de pobreza (IBGE, 2010b).

O Estado ainda possui os piores índices de educação. Utilizando apenas dados recentes da rede pública de ensino, nota-se que o Estado apresenta o pior Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) do país com média 3,5 nos anos finais do Ensino Fundamental I e, respectivamente, 2,6 nos anos finais do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio (INEP, 2011a). A situação se torna ainda mais alarmante quando se faz um comparativo com o resultado anterior (2009), pois, houve uma queda no percentual referente ao Ensino Fundamental II de 0,1 ponto e de 0,2 pontos no Ensino Médio, avançando-se apenas 0,1 ponto no Ensino Fundamental I. Alagoas também lidera o *ranking* do analfabetismo, sendo 24,3% da população com mais de 15 anos analfabeta e cerca de 35,5% considerados analfabetos funcionais, totalizando 59,8% da população sem um mínimo de educação considerada ideal pelo órgãos governamentais (IBGE, 2010a). Dados do IBGE (2008) a respeito do acesso a internet por pessoas com mais de 10 anos, mostram que Alagoas também é o Estado com maior exclusão digital, somente 17,8% da população tiveram acesso à rede nos últimos três meses que antecederam a pesquisa; quanto à população estudantil, apenas 36,2%, penúltimo lugar do Brasil, à frente apenas do Estado do Maranhão. Os dados negativos não param por aí, várias taxas ainda podem ser salientadas, como 25,5% das crianças de 10 – 14 anos possuem mais de dois anos de atraso escolar (PNAD/IBGE, 2009); 78,1% dos alunos do Ensino Fundamental e 64,1% dos alunos do Ensino Médio concluíram as respectivas fases de ensino fora da idade considerada adequada (MEC/INEP/DTDIE, 2005); a taxa de evasão escolar é de 4,1% no Ensino Fundamental I, 13,9% no Ensino Fundamental II e 17,8% no Ensino Médio, percentuais maiores que a média nordestina (respectivamente, 3,2%, 8,0% e 14,2%). Quanto ao perfil dos docentes com nível superior, dados do MEC/INEP/DTDIE (2010) mostram que possuem curso superior apenas 23,8% dos professores que trabalham em creches, 26,3% dos que trabalham com o pré-escolar, 36,7% dos que atuam no Ensino Fundamental I, 59,5% dos que lecionam no Ensino Fundamental II e 79,3% daqueles que ensinam no Ensino Médio, números também abaixo da média do Nordeste (respectivamente, 29,2%, 31,1%, 42,2%, 61,1% e 80,3%).

Alagoas lidera a maioria dos índices negativos do país e não só na educação, mas também na violência. As mortes armas de fogo no Estado chegam a 55,3 por 100 mil habitantes sendo a população

juvenil ente 15 e 29 anos, principalmente negra, a mais afetada (WASELFISZ, 2013). Índices estes que vem se arrastando há décadas como relata Urani ao analisar a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1992-2004:

“Alagoas é hoje o Estado mais pobre do Brasil. É o que possui a menor renda real média e a maior proporção de pobres. Boa parte deste fenômeno se deve à pífia performance econômica dos últimos anos. Mas não apenas: o Estado tem ficado para trás tanto em termos de capital humano quanto de infra-estrutura – o que compromete seriamente as chances de reversão deste quadro no futuro.

Os indicadores educacionais são desastrosos e têm melhorado num ritmo muito mais lento que no resto do Brasil, não apenas para jovens e adultos, mas também para crianças.

Praticamente o mesmo pode ser dito no que diz respeito às telecomunicações e ao saneamento básico.

Seu mercado de trabalho, por fim, resulta ser extremamente desestruturado e vulnerável a choques de todos os tipos”. (2005, p. 1).

Lins et al. (2012) expõe que o maior investimento em Alagoas se encontra no setor agroindustrial (açucareiro), o Estado não diversificou sua produção marcada pelo plantio de cana-de-açúcar desde a época colonial mesmo após sua emancipação política. O setor industrial manteve-se praticamente estagnado e pouco se investiu no comércio e serviços. Gomes (2011) ainda aponta uma “involução” na economia alagoana devido seu pouco dinamismo presente apenas nos setores de comércio e serviços. O crescimento econômico do Estado se deve principalmente aos investimentos federais¹ e políticas sociais.

Com essas considerações, fica-se evidente que miserabilidade da população, o latifúndio canavieiro e o baixo investimento em educação são formas características da dominação das elites usineiras em Alagoas. Pois, como nos dizem Marx e Engels, “o primeiro pressuposto de toda a existência humana [...] é que os homens devem estar em condições de viver para poder “fazer história”. Mas, para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter moradia, vestir-se e algumas coisas mais” (2005, p. 53), dessa forma, enquanto os trabalhadores estão em buscas dessas necessidades primordiais, a luta por outros direitos elementares a vida caem em segundo plano. Também não é do interesse dessas elites o investimento em outros setores como o industrial, pois, isso pode significar o surgimento de um novo grupo hegemônico que venha a medir forças com os latifundiários do Estado. Dessa forma, as elites alagoanas controlam o poder político – inclusive fazendo uso da violência contra quem desafia seu poder, uma relação histórica e hereditária (VASCONCELOS, 2005) – garantido que seus interesses sejam atendidos. Como também diziam Marx e Engels, “O poder do Estado moderno não passa de um comitê que administra os negócios comuns da classe burguesia como um todo” (2008, p. 12).

Diante de tamanho descaso, os jovens são entregues a marginalidade e, mesmo com as péssimas condições da educação, esta se mostra a única alternativa de melhoria nas condições de vida. Mas não são todos que conseguem vencer essas barreiras e cursar o tão sonhado Ensino Superior, pois, apenas cerca de 7% dos aproximadamente 90 mil alunos que concluem o Ensino Médio conseguiram uma vaga em uma das três universidades públicas do Estado (MEC/INEP/DTDIE, 2011) (UNEAL/UNCISAL/UFAL, 2012), para os outros que possuem alguma condição financeira, resta a rede privada de ensino.

3.1. Realidade dos jovens camponeses

A pesquisa foi realizada em duas escolas do campo, localizadas na parte sul de Arapiraca/AL. A primeira escola pesquisada (doravante E1), localiza-se à aproximadamente 18 km da sede do

município, é cercada por pequenas e médias propriedades agrícolas e, a principal fonte de renda dos moradores vem da lavoura, principalmente, de fumo, feijão e cana-de-açúcar e do comércio, no centro da cidade. O estudo foi realizado acompanhando as atividades de ensino em História de agosto a setembro de 2012. A escola possui IDEB no Ensino Fundamental II (apenas as turmas de 6º ao 9º ano) de 2,8, em 2009 e, 2,9, em 2011, abaixo da média municipal, respectivamente, 3,5 e 4,1 (INEP, 2011a). É comum alguns filhos ajudarem os pais na roça ou trabalhem para terceiros como forma de aumentar a renda da família. O único meio de transporte até a cidade é realizado por uma empresa de ônibus que não oferece uma linha noturna.

A escola possui uma sala de informática com 20 computadores (porém, só 08 funcionando, na época da pesquisa, adequadamente), onde também funciona a sala de leitura; sala de vídeo com data show, ambas com um espaço razoável para cerca de 30 alunos, mas não há um profissional capacitado responsável pelas mesmas, dessa forma, os alunos raramente tem acesso a esses recursos e, quando os professores pretendem usar algum deles, eles mesmos tem que organizá-los, perdendo muito tempo da aula. O pátio da escola é bem pequeno, insuficiente para os alunos praticarem alguma atividade esportiva. Nessa comunidade, notou-se através de observações e entrevistas com 15 alunos com idades entre 12 e 20 anos, baixa autoestima, pois, entre os entrevistados, 40% não pretendia dar prosseguimento aos estudos, desses, 01 aluno (6,6%) porque aspirava se mudar para outro Estado onde tinha parentes para trabalhar (informando que precisava trabalhar e era difícil arranjar emprego em Alagoas), 20% porque pretendiam trabalhar na roça e, para isso, “não precisava de estudo” e os outros 02 indivíduos (13,3%) não esperavam nada da vida; 02 desses alunos ainda comentaram que só vem a escola porque os pais obrigam. Entre os 60% que pretendia dar continuidade aos estudos, 01 aluna pretendia se mudar para São Paulo (pelo mesmo motivo apresentado no outro caso), porém, continuando os estudos lá. Salienta-se que todos eles viam o estudo apenas como forma de conseguir um bom trabalho, como alternativa de “fugir da roça” e só 20% demonstrou interesse em fazer uma faculdade. A reação notada é que boa parte deles veem a “faculdade” como algo inalcançável, distante de suas realidades, conforme Nogueira:

“Os indivíduos precisam, antes de mais nada, sentir-se seguros em relação às suas crenças e valores. [...] É difícil o indivíduo acreditar na sua capacidade intelectual e no seu potencial profissional sem algum tipo de confirmação alheia. Igualmente, suas percepções sobre o que é possível, sobre o que vale a pena na vida ou sobre o prestígio relativo de cada curso [superior] se fortalecem ou se enfraquecem dependendo dos apoios sociais que recebem”. (2004, p. 162-163).

Deste modo, em um ambiente onde existem vários problemas sociais, como se constatou, tais como: falta de assistência familiar, por os pais passarem muito tempo trabalhando; necessidade de começar a trabalhar cedo; drogas; violência (inclusive familiar), entre outros, faz com que boa parte dos alunos acabem desestimulados. A escola, um dos lugares que poderia exercer bastante influência positiva, acaba sendo vista como um ambiente de frustração, tédio, e, devido principalmente ao sucateamento promovido pelo Poder Público ao sistema educacional em geral, fica difícil alterar essa situação, tanto por parte dos professores (em suas metodologias, já que a maioria trabalha em mais de uma escola dispondo de pouco tempo para preparar as aulas) como por parte da escola (melhoria da estrutura, realização de projetos, etc.). De acordo com Castro e Abramovay:

“Afetam a geração dos jovens, o desencanto, as incertezas em relação ao futuro, o distanciamento em relação às instituições, a descrença na sua legitimidade e na política formal, além de resistência a autoritarismos e “adulocracia”. Nesse caso, a escola e a família já não teriam a mesma referência que tiveram para outras gerações, além de que há diversidades

quanto a construções dessas referências em grupos em uma mesma geração”. (2002, p. 146-147).

Problemas sociais frutos do inevitável antagonismo de classes do capital cada vez mais polarizado.

A segunda escola pesquisada (doravante E2), onde o projeto passou a ser desenvolvido, fica à aproximadamente 07 km da sede do município. O período de pesquisa foi de outubro de 2012 a maio de 2013. A escola possui IDEB no Ensino Fundamental II 2,7 em 2009 e 3,0 em 2011, também abaixo da média municipal já mencionada. Esta comunidade, apesar de ainda ser rural, já vem apresentando forte urbanização, lugares onde antes haviam lavouras de fumo, estão dando lugar a construção civil, atualmente, estas lavouras também deram lugar ao cultivo de hortaliças que são destinadas ao comércio nas diversas feiras livres do Estado de Alagoas. Devido a maior proximidade do centro comercial da cidade, muitos moradores são assalariados do comércio e de médias e pequenas indústrias de bens de consumo. Nesta comunidade há uma linha de transporte noturna. E2 é um pouco mais espaçosa que E1, porém possui uma sala de leitura muito apertada, não possuindo espaço para estudo. Falta também uma sala de vídeo e de informática, dessa forma, a televisão e o DVD da escola ficam dentro da sala onde funciona o 9º ano, onde também foi posta uma divisória para abrigar os computadores. Devido a isso, fica muito difícil o uso de vídeos, já que tem que haver uma troca de salas e mais problemático ainda o uso dos computadores, tanto pelo fato do pequeno número (cinco) como pelo espaço que é muito apertado, fora o fato de atrapalhar-se a aula do 9º ano para poder entrar na sala. Outra situação semelhante nas escolas pesquisadas é que convivem com a superlotação das salas.

Ao contrário da outra comunidade, percebe-se que a perspectiva de futuro é maior, mesmo apresentando os mesmos problemas sociais. Dados coletados através de um questionário realizado com 20 alunos com idades entre 13 e 20 anos, mostram que 80% dos entrevistados pretendem fazer um curso superior. Entre os 20% que não pretendiam metade ainda informou intenção de fazer Ensino Médio, os outros 10% expuseram que só vem à escola porque os pais obrigam, não desejavam prosseguir nos estudos. No entanto, nota-se que a incerteza quanto ao futuro prevalece, pois, enquanto 45% dos entrevistados apontaram algo, pode-se dizer, concreto para o que esperavam do futuro, como “trabalhando em um bom emprego”, “cursando ou concluído a faculdade” e/ou “casado(a)”, outros 45% demonstraram dúvida ao não apontar algo específico, contudo, prevalecendo respostas otimistas como “que seja bom”, “algo melhor”, “um futuro feliz”; e 10% (os mesmos que não pretendiam dar continuidade aos estudos) informaram não esperar “nada” do futuro.

Questionados sobre o que faltava na comunidade onde eles moravam 70% informaram algum ponto, como calçamento das ruas, melhor estruturação do posto de saúde e da escola, entre outros; os outros 30% não souberam informar o que faltava, ou disseram que não faltava nada. A próxima pergunta exigia uma reflexão mais abrangente, pedia para os alunos informarem os pontos positivos e negativos de Alagoas, nessa questão só 50% citaram ao menos um ponto positivo ou negativo, desses, 20% só souberam informar ponto(s) negativo(s) e 05% só pontos positivos; os outros 50% não souberam ou não opinaram. Percebe-se com esses dados, que são poucos os que param para refletir sobre seus problemas e, mesmos assim, não conseguem identificar algo além daquilo que eles “sentem na pele”, como a falta de médicos no posto de saúde de sua comunidade, notícias ou mesmo testemunho de crimes, ou necessidade de uma reforma na escola onde estudam. Reflexões que eles deveriam fazer na escola, mas poucos fazem, pois, notou-se durante a observação das aulas, que quando a professora de História aborda alguma dessas questões, quase não há participação dos alunos na discussão, apenas ouvem calados, mas, quando por curiosidade, a mesma aborda algum tema supérfluo, como o que está acontecendo em determinado programa televisivo, os alunos participam massivamente, possuem as respostas.

É notório o aumento da perspectiva de prosseguir os estudos dos jovens de E2 (80%) do que E1 (60%), mas principalmente entre os que gostariam de cursar o Ensino Superior, enquanto em E2 80%

dos jovens entrevistados manifestaram interesse em cursar uma faculdade, em E1 apenas 20%. Não cabe nesse trabalho analisar adequadamente os contrastes entre as duas comunidades onde as escolas se localiza que explicariam essa dicotomia, mas os dados apresentados são suficientes para notar que a primeira comunidade é mais isolada, há uma menor interação entre os moradores (nesse caso os jovens) com outros ambientes e/ou indivíduos que poderiam proporcionar um aumento nessa perspectiva. Conforme o relato de moradores, são poucos os membros da comunidade que conseguiram alcançar o Ensino Superior², destarte, faltariam exemplos nos quais esses jovens pudessem se espelhar e desmistificar a ideia que possuem sobre “faculdade não ser algo para eles”. Nogueira (2004) ao analisar um conjunto de concepções de motivação humana³ expõe-nos que elas apontam para

“a necessidade básica dos seres humanos de manutenção de uma certa segurança em relação as suas concepções sobre si mesmos e o universo a sua volta. Essa segurança seria alcançada por meio da sustentação, por parte dos indivíduos, de uma realidade intersubjetiva, ou seja, por intermédio da construção, manutenção e restauração constante de uma versão socialmente compartilhada sobre si mesmo e o mundo exterior”. (p. 118).

A partir dessa concepção (construída socialmente) do “eu”, do “outro” e da realidade em geral, que os indivíduos tomariam suas escolhas (mesmo que inconscientes das influências externas que receberam), o que nos permite compreender que dificilmente os indivíduos que tiveram uma experiência insuficiente para formar essa “segurança” sobre suas concepções de si e da realidade ao redor a respeito de determinado assunto, como o Ensino Superior, se achariam aptos a ingressar nesse caminho. Nesse ponto, concordamos com a teoria disposicionalista de Bourdieu, que os

“indivíduos socializados num determinado meio social tenderão a herdar um conjunto específico de disposições, um habitus típico desse meio social, que os orientará em suas ações e escolhas subseqüentes, inclusive no campo da educação. Essa herança comum não exclui, no entanto, as diferenças individuais”. (NOGUEIRA, 2004, p. 20).

Habitus pode ser entendido como “um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano”. (SETTON, 2002, p. 63). Isto é, os atores incorporariam características dos meios sociais onde interagiram (família, grupos de amigos, de colegas de trabalho, etc.), uma vez incorporadas, elas passariam a estruturar as ações desses indivíduos. Como também nos dizem Marx e Engels (2005), as representações da consciência estão diretamente vinculadas à atividade/intercâmbio material dos homens.

No que se refere às visões de mundo, percebeu-se que em ambas as comunidades os jovens possuem uma visão muito restrita da sociedade, o que evidencia que o sistema está conseguindo desconstruí-los criticamente, pois, é do interesse do capital uma população que não pode ter acesso ao conhecimento, que não questiona, ou que tem acesso ao conhecimento, mas que o faz de maneira automática, sem parar para uma reflexão, se tornando, inconscientemente, instrumento do sistema.

4.1. Análise do *survey*: realidade social dos jovens

O *survey* é composto por 30 questões que abrangem pontos da vida pessoal e familiar dos entrevistados, renda, projeções de futuro, influencias externas e questões voltadas ao posicionamento crítico perante a sociedade. Foi aplicado com 60 alunos do 3º ano do Ensino Médio com idades entre 15 e 22 anos, sendo, respectivamente, 20 de uma escola da rede estadual de ensino (doravante EE), de

um instituto federal (doravante IF) e de uma escola da rede privada (doravante EP), localizadas na sede de Arapiraca.

A EE pesquisada⁴ possui 1170 alunos matriculados no Ensino Médio (INEP, 2012), não foi possível apresentar o desempenho da escola no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2011, porque a mesma apresentou uma participação na realização da prova de apenas 36% do contingente de alunos concluintes do Ensino Médio e, no referente ano, o órgão responsável pela avaliação apresentou apenas as notas das instituições com participação igual ou superior a 50% (INEP, 2011), assim, expõe-se os dados referentes a 2010, onde a escola obteve 496,08 pontos (escala vai de 0 a 1000) (INEP, 2010). A EP possui 472 matrículas no Ensino Médio (INEP, 2012), apresentou uma média de participação de 76% no ENEM 2011 e obteve a média de 510,02 pontos (INEP, 2011b) – 577,69 no ENEM 2010 (INEP, 2010). No IF há 286 alunos matriculados no Ensino Médio integrado ao Técnico (INEP, 2012), ainda não possui prédio próprio, os alunos estudam em uma escola municipal, foi inaugurado em 2010, deste modo, não é possível obter os dados referentes ao desempenho no ENEM, pois os alunos ainda não participaram do exame.

Percebe-se que a diferença de renda dos grupos pesquisados não é muito grande, já que a razão entre a renda informada e a quantidade de entrevistados foi, na EE, de 02 a 03 salários mínimos; no IF de 01 a 02 salários mínimos; e na EP de 03 a 04 salários mínimos. Porém, para a realidade de Alagoas, são valores bastante significativos, pois, como já acentuada, o Estado possui uma péssima distribuição de renda. Conforme o IBGE (2010a), cerca de 29,41% dos domicílios alagoanos possuem renda mensal de até 01 salário mínimo; 28,94% de 01 a 02 salários mínimos; 24,66% com 02 a 05 salários; 7,28% 05 a 10 salários; 3,21% com 10 a 20 salários; 1,55% com mais de 20 salários mínimos; e 4,91% não possuíam rendimento.

Na EE, 70% das mães⁵ dos entrevistados possuem só o Ensino Fundamental (55% incompleto), 15% o Ensino Médio, 5% o Superior e as mães de 10% não estudaram. No IF, 65% possuem só o Ensino Fundamental (também 55% incompleto), 25% possuem Ensino Médio e 5% Superior, 5% não soube informar. 30% das mães dos alunos da EP só estudaram até o Fundamental (5% não concluíram), 35% possuem o Médio, 30% o Superior (5% com pós-graduação) e 5% não soube informar.

No quesito trabalho, 45% dos jovens da EE, possuem um emprego no horário diferente do da escola e 05% faz um curso profissionalizante ganhando uma bolsa de incentivo financeiro. No IF, 30% trabalham em horário oposto a escola e 05% possui bolsa de estudos. Na EP, 35% dos jovens possuem um emprego. Nenhum dos entrevistados informou que o emprego interfere no horário da escola. 40% dos jovens da EE e do IF navegam diariamente pela *internet* e em redes sociais; na EP são 60%. A “família” ainda é o meio de maior influência para os jovens pesquisados, nas três escolas. Ela é o fator que aparece com mais frequência no topo da lista do que mais influencia os mesmos em suas decisões, em seguida vem a “própria consciência deles” e os “professores”. As informações expostas permitem-nos ver que a maioria dos jovens demonstram mais semelhanças do que divergências em seus contextos sociais, assim sendo, também devido os limites desse trabalho, optamos por unir os três grupos pesquisados e fazer uma análise geral dos dados.

4.2. Otimismo futurístico e visões de mundo

Sobre as pretensões ao terminar o Ensino Médio, 86,6% dos jovens pesquisados informaram que gostariam de cursar uma faculdade e os outros 13,4% passar em um concurso público, seguir na área de informática (no caso dos alunos do IF) ou arranjar um outro emprego. Questionados sobre se achavam importante ter um curso superior, 96,6% afirmou que sim, apenas 1,7% disse que não (informando que o curso técnicos já seria o bastante), e outros 1,7% não opinaram. Todos os indivíduos que acentuaram a importância do curso superior, o viam como proporcionador de ascensão social. Nenhum dos jovens pesquisados apresentou pessimismo em relação ao futuro, porém, grande parte

demonstrou insegurança. Questionados sobre o que sentiam quando ouviam a palavra “vestibular”, 46,7% dos jovens indicaram ansiedade, pressão, medo, ou necessidade de estudar mais; 18,3%, pelo contrário, demonstraram-se confiantes, preparados e; margem significativa, 35%, não opinaram sobre essa questão.

Sobre o que é preciso para atingir o sucesso profissional, os principais destaques foram, em ordem de importância, “estudar muito”, “trabalhar duro”, “ter fé em Deus”, “fazer cursinhos” e “conhecer as pessoas certas”, ou seja, os jovens entendem que seus objetivos serão alcançados principalmente por meio de dedicação própria, mas também percebem que as influências (conhecer as pessoas certas) podem ajudar bastante e o fator místico é uma das bases principais de apoio nessa trajetória.

Quanto às visões de mundo, foi solicitado que os jovens apresentassem os pontos positivos e negativos de Alagoas: 83,3% dos entrevistados mencionaram como pontos negativos os problemas sociais do Estado, que obviamente eles devem notar em seu dia-a-dia e a forma de governo; 5% apontaram o crescimento desordenado, a falta de oportunidades e a pouca quantidade de vestibulares; e 1,7% a falta de pessoas qualificadas nos empregos; 10% não souberam ou não opinaram. Como pontos positivos, 31,7% destacaram as belezas naturais e locais de lazer (ênfasis nas praças, características de Arapiraca); 18,3% as “oportunidades” por estar se desenvolvendo; 10% a família ou amigos que possuem no Estado; 5% os avanços em saúde e educação que aos “poucos” vão sendo conseguidos; respectivamente, 1,7% a existência de grandes universidades e “ótimas” condições de educação, 31,6% não responderam, não souberam, ou não opinaram pontos positivos.

Outra questão apresentava um recorte de uma charge (vide anexo) e questionava aos jovens o que eles poderiam fazer para mudar o mundo, mesmo que pouco, ou se nada podiam fazer, e explicar o porquê de, segundo a personagem da charge, se não mudarmos o Mundo, o Mundo é que vai nos mudar. 20% dos jovens não responderam essa questão; 18,3% detiveram-se apenas em explicar o que entenderam ao lerem a charge, não expondo o que poderiam fazer para mudar o Mundo. Entre os que responderam, 33,3% indicaram em suas respostas que podem contribuir com seus exemplos, fazendo boas ações, respeitando o próximo, trabalhando corretamente; 21,7% apontaram que devem se preocupar mais com o meio ambiente; 1,7% informou que através da mídia poderia mudar o mundo, enfatizando o poder que a mesma tem sobre as pessoas; e 5% não achou que podia fazer alguma coisa.

Esperava-se que na interpretação da charge os jovens indicassem de alguma forma que eles são os que construirão o futuro da sociedade e, se não lutarem por uma mudança estrutural, acabariam se incorporando a lógica estabelecida, afinal,

“o *imperativo do tempo* do capital predominante no processo de reprodução material afeta diretamente não apenas as relações estruturais de exploração da sociedade de classes como um todo, mas impõe ao mesmo tempo seus efeitos negativos e humanamente empobrecedores sobre cada aspecto da atividade material e intelectual no *tempo de vida* dos indivíduos particulares”. (MÉSZÁROS, 2008, p. 97).

A partir dessa referência, notou-se que dos apenas 20% que deram suas opiniões sobre a charge (o que também evidencia a dificuldade em interpretar textos pela maioria), metade se aproximou, mesmo que superficialmente, ao informarem que na nossa sociedade, “ou você controla, ou é controlado”, “o mundo é movido por nossas ideias e atitudes”, “o mal do Mundo é o comodismo, fechar os olhos para os problemas, passando a adaptar-se a eles”.

Esses dados nos permitem concluir que grande parte dos jovens está com uma postura, até certo ponto, acrítica do mundo, pois, quando perguntados sobre os problemas a sua volta, a maioria esmagadora facilmente consegue identificá-los, porém, ao serem questionados sobre uma solução que deveria partir deles, mais da metade indicou posturas individualistas (ser solidário ao outro, praticar

boas ações, respeitar as diferenças), ou caíram no modismo dos discursos ambientalistas que estão sendo usados para desviar o foco dos problemas sociais e políticos (MÉSZÁROS, 2011; ONÇA, 2012), ainda não percebem que só através de ações coletivas que conseguiram dar início a superação desses problemas.

5.1 Considerações Finais

Os dados aqui expostos nos permitem perceber uma significativa diferença entre as aspirações dos jovens do campo e da cidade, principalmente entre os da comunidade rural mais afastada da sede do município, nos parece, devido, entre outros fatores, a falta de contato desses jovens com outras experiências de vida, o que acaba fazendo muitos mistificarem uma realidade para além da que é vivida em seu meio. Porém também se notou que mesmo com os empecilhos presentes na realidade alagoana, que historicamente vem deformando gerações, os jovens continuam a sonhar com um futuro mais digno, mesmo com as condições adversas. Como nos diz Freire (2011), “a esperança é um imperativo existencial e histórico do ser humano”, é uma chama que jamais vai se apagar, por mais fraca que esteja sempre vai poder revigorar-se.

As visões de mundo dos jovens acabam duramente influenciadas pela lógica capitalista presente em todos os setores da sociedade, onde os ideais coletivos quase desapareceram, onde tudo vira mercadoria, onde não há mais semelhantes e sim concorrentes, onde os homens tem sua humanidade retirada. Diante desse contexto, queremos ressaltar a importância que os professores possuem como um dos agentes transformadores dessa realidade. Por isso, é imprescindível que os mesmos procurem, apesar das dificuldades presentes na educação formal (leia-se, sistema de ensino), efetuarem um ensino crítico-reflexivo que possibilite aos alunos não só uma compreensão do contexto em que estão inseridos, mas que são capazes de superá-lo.

Referências Bibliográficas

- ALAGOAS. Secretaria de Estado da Fazenda. <<http://www.sefaz.al.gov.br/index.php>>. Acesso em: 23/09/2012.
- BRASIL. (2010). Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Enem Geral Médias 2010. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-e-midia/noticias/18752/mec-divulga-media-das-escolas-no-enem-2010-consulte-aqui/>>. Acesso em 10/04/2013.
- BRASIL. (2011a). Ministério da Educação. INEP. Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/>>. Acesso em 10/04/2013.
- BRASIL. (2011b). Ministério da Educação. INEP. Proficiências médias por área do conhecimento no ENEM, por escola. Disponível em: <<http://sistemasenem2.inep.gov.br/enemMediasEscola/>>. Acesso em 10/04/2013.
- BRASIL. (2012). Ministério da Educação. INEP. Data Escola Brasil. Disponível em: <<http://www.dataescolabrasil.inep.gov.br/>>. Acesso em 10/04/2013.
- CASTRO, M. G., ABRAMOVAY, M. (2002, julho). Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. Cadernos de Pesquisa, n. 116. P. 143-176. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n116/14402.pdf>>. Acesso em: 28/05/2013.
- FREIRE, P. (2011). Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido (16ª Ed.). São Paulo, Paz e Terra.

- GOMES, F. G. (2011, janeiro/abril). A inserção da economia alagoana na recente dinâmica de crescimento regional. In: Revista Eletrônica Economia Política do Desenvolvimento. Maceió, vol. 04, n. 10. P. 151-186.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). (2008). Acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2008. Acesso à internet. Utilização da Internet no período de referência dos últimos três meses. Tabela 1.15.2. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acesoainternet2008/tabelas/tab_utilizacao.pdf>. Acesso em 08/04/2013.
- IBGE. (2010a). Censo demográfico 2010. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Estados@. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/>>. Acesso em: 08/04/2013.
- IBGE. (2010b). Contas regionais do Brasil 2010. Tabela 1 - Produto Interno Bruto - PIB e participação das Grandes Regiões e Unidades da Federação – 2010. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Contas_Regionais/2010/pdf/tab01.pdf>. Acesso em: 08/04/2013.
- LINS, R. D. B. et al. (2012, março). Rede de avaliação e capacitação para a implementação dos planos diretores participativos: Relatório Estadual de Avaliação dos Planos Diretores Participativos de Alagoas. Disponível em: <<http://web.observatoriodasmetrolopes.net/planosdiretores/produtos/relatorioestadualalagoas.pdf>>. Acesso em: 28/05/2013.
- MARX, K., ENGELS, F. (2005). A ideologia alemã: Feuerbach – a contraposição entre as cosmovisões materialista e idealista. Tradução: Frank Müller. São Paulo, Martin Claret. (Coleção a obra-prima de cada autor).
- MARX, K., ENGELS, F. (2008) Manifesto do partido comunista. 1ª Ed. São Paulo: Expressão Popular.
- MÉSZÁROS, I. (2008). Educação: o desenvolvimento contínuo da consciência socialista. In: MÉSZÁROS, I. A Educação para além do capital. 2ª Ed. São Paulo: Boitempo. (Mundo do trabalho).
- MÉSZÁROS, I. (2011). A crise estrutural do capital. Tradução: Francisco Raul Cornejo et al.. 2ª Ed. São Paulo: Boitempo. (Mundo do trabalho).
- NOGUEIRA, C. M. M. (2004). Dilemas na análise sociológica de um momento crucial das trajetórias escolares: o processo de escola do curso superior. Tese de doutorado em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- ONÇA, D. de S. (2012). A função social de discursos ambientalistas. In: VII Colóquio Internacional Marx Engels, vol. 1, n. 1. Anais... Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2012/trabalhos/6059_On%C3%A7a_Daniela.pdf> Acesso em 01/06/2013.
- SETTON, M. da G. J. (2012, maio/agosto). A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. Revista Brasileira de Educação, n. 20, p. 60-70.
- TODOS PELA EDUCAÇÃO. Educação no Brasil. Números do Brasil. Dados por Estado. Alagoas. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-no-brasil/numeros-do-brasil/dados-por-estado/alagoas/?ano=2011>>. Acesso em: 15/04/2013.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS (UNEAL). VESTIBULAR 2012. DISPONÍVEL EM: <<http://www.uneal.edu.br/ensino/vestibular/vestibular-2012>>. Acesso em: 28/05/2013.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE ALAGOAS (UNCISAL). Vestibular. Disponível em: <<http://www.uncisal.edu.br/ensin/vestibular/>>. Acesso em: 28/05/2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL). Cursos e vagas. Disponível em: <<http://www.ufal.edu.br/estudante/graduacao/sisu/cursos-e-vagas>>. Acesso em: 28/05/2013.

URANI, A. (2005, dezembro). Um diagnóstico socioeconômico do Estado de Alagoas a partir de uma leitura dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE (1992-2004). Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade – IETS. Maceió. Disponível em: <[http://iets.inf.br/biblioteca/Um diagnostico socioeconomico do Estado de Alagoas.pdf](http://iets.inf.br/biblioteca/Um_diagnostico_socioeconomico_do_Estado_de_Alagoas.pdf)>. Acesso em 28/05/2013

VASCONCELOS, R. (2005). O poder e a cultura de violência em Alagoas. Maceió: Ed. UFAL.

WASELFISZ, J. J. (2013). Mapa da violência 2013: Mortes *matadas* por armas de fogo. Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos. Disponível em: <http://mapadaviolencia.org.br/pdf2013/MapaViolencia2013_armas.pdf>. Acesso em: 28/05/2013.

Notas do Autor

¹Conforme o exercício de 2011, mais da metade da receita alagoana (cerca de 67%) vem de repasses federais (ALAGOAS, 2012).

²Em E2 percebeu-se uma quantidade razoável de moradores que conseguiram alcançar o Ensino Superior.

³As teorias interacionistas, psicanalista, da sociológica durkheimiana e etnometodologia.

⁴Essa escola reflete em parte o descaso educacional em Alagoas exposto no início deste artigo, pois, no momento da pesquisa, os alunos estavam em curso de férias repondo as aulas que não tiveram durante o ano letivo devido à falta de professores (havia a carência de cinco disciplinas na escola).

⁵Parte dos entrevistados não souberam informar a escolaridade dos pais, dessa forma, optou-se apenas por utilizar os dados maternos.

Anexo:



QUINO (Joaquín Salvador Lavado Tejón). Toda Mafalda.